



O Gaiato

Avança



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI—N.º 135
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
30 de Abril de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

NOTA DA QUINZENA

LIGO tanta importancia à matéria desta nota, que faço dela o chamado artigo de fundo.

Ela é uma dor que eu trago no peito. As suas palavras, são de sangue. Quero-me referir à Viela.

De lá têm vindo para as nossas casas as crianças mais amorosas que cá temos; e temo-las em todas as casas. Digo amorosas, por terem sido e são o objecto das súplicas mais ardentes por parte de quem as procura salvar. Algumas dessas súplicas, são das próprias mães que as deram à luz e vivem ali, na Viela, algemadas! Daqui se infere qual o selo da desgraça que estas crianças trazem e com que angústias não dou eu publicidade ao que merece silêncio e só no silêncio se pode chorar. Mas eu quero falar. Eu tenho de falar em nome do Senhor. A outra face da medalha é mais denegrida, nem eu poderia jamais escreve-la, se não fôsse de sangue a tinta com que o faço; o meu sangue. O teu sangue. Esta é a dor imensa que eu trago no meu peito. E tenho de a sofrer. E' a Viela. Os nossos rapazes, meus filhos, correm o perigo constante de voltar, e alguns, teem efectivamente voltado ao vômito. Eu quero ser entendido nas entrelinhas e tenho para mim que neste pouco que digo, todos hão-de compreender o muito em que se não pode falar.

A Viela meus senhores. Ela fica ali mesmo à mão de semear. Sai-se da estação do caminho de ferro, andam-se dois passos em frente e logo por detraz da rua principal, fica ela situada. Nada que a distingua das outras ruas a não ser a constante permanencia de um agente da autoridade. A Viela

é uma instituição nacional. São ali muitas as casas e todas de porta aberta. Um que vá em serviço à cidade, depois de ter aviado todos os seus recados, pode aviar mais um com espantosa facilidade... E que não tenha medo. Que aproveite. A ordem está superiormente assegurada.

Não há ninguém no mundo que tenha o poder de transformar a natureza das coisas. O homem é o que é. A Viela nasce com ele. Mas ele, homem, por um milagre da graça, pode fugir dela. Pode evitá-la. Pode, até, aborrecê-la. Para isso, muito concorre o leite das mães, porém, esta classe de rapazes, não sabe o que isso é. Mesmo a classe dos bem nascidos, com outra preparação para conhecer os perigos, também esses caem neles pela criminosa facilidade da porta aberta. E daqui nasce que com o rótulo de salvação pública, se degrada a dignidade humana: As nossas mães. As nossas irmãs. A tua noival E' péssima a corrupção do optimo. Eu acredito no dogma do pecado original, mas repudio com toda a força da minha alma a necessidade da Viela.

Por causa dela morreram as antigas civilizações grega e romana, sem darem fé do seu mal, que é a pior das mortes. Porém, Jesus Nazareno, reformou a humanidade e dá a cada um possibilidades divina.

Eu tenho de denunciar; falar alto nesta nota da quinzena. Assim o pedem os olha-



Andamos agora ocupados com o derradeiro edificio da nossa aldeia; — o Balneário. Não o vemos aqui, mas vai a pedra no nosso carro, puxado pelos nossos bois e um dos nossos à sôga. A Força. O Trabalho. O Rendimento social. Dizem que as Pirâmides foram levantadas por escravos. Não admira; elas datam de antes de Cristo. Hoje não. Aqui não. O da da sôga é livre.

res de todos quantos de longe espreitam esta obra e a querem fazer sua:—E' um pedido de abolição. Fechar as casas. Mudar o nome das ruas aonde elas dantes eram. Dificultar. Tirar os perigos dos olhos de quem passa.

Não há dúvida nenhuma que a situação tem virado Portugal com o de baixo para cima. As obras não se discutem. Elas estão aí de norte a sul. Qualquer cego as apalpa. Muito se tem feito em todos os campos, só a Viela é que não!

Ora isto é matéria de uma penada forte e discreta. O decreto que vier, não precisa de palavras. Todas quantas se dissessem seriam para nossa humilhação. O nosso espírito dá-nos testemunho. Tu sabes... Eu sei... Maior a culpa de todos, sobretudo dos que mandam. Um decreto. Um decreto dum só verbo: *Abolir*.

Uma excursão à Casa do Gaiato

Foi realizada pelo Grupo Desportivo Mário Navega. Eram sete camionetes e um mar de operários. Outros, mais ousados, fizeram o percurso de bicicleta. Todos viram como os nossos rilham, tendo passado em bicha por entre as mesas do refeitório à hora do jantar. Entregaram ao nosso grupo um galhardete de seda e leram uma pequenina mensagem, a onde davam noticia de duas ofertas: mil escudos do Grupo desportivo e duzentas e dez peças de louça esmaltada, da Fábrica. Eu tenho aqui a mensagem que o guarda-livros da casa leu. Lê-se num minuto, de pequenina, mas tráz duas palavras muito grandes: ao nomear os nomes de Mário Navega e Rui Navega a mensagem chama-lhes—nossos chefes muito queridos. Não é a mensagem; o guarda-livros da casa é que assim lhes chamou, na presença de centenas de operários ali presentes, e aquelas palavras deram-me no peito. Elas são o óleo verdadeiro da engrenagem; da engrenagem de todas as fábricas. E sem elas, nenhuma fábrica anda, por mais perfeitas que sejam os seus engenhos.

Nossos chefes muito queridos. E' só por isto; é só por serem queridos que os homens podem ser e chamar-se a si mesmos chefes.

Quando passar outra vez na rua do Freixo, hei-de olhar com mais amor para a Fábrica Mário Navega. Não porque eles me deram; isso presta, mas não vale. O que para mim valeu, foi o sabôr daquelas três palavras; uma proclamação de paz entre patrões e empregados.

Agora do que eu não gostei nada, foi de uma que fez um dos nossos rapazes que me veio pedir para fazer a crónica quando o desafio começou. Foi o Elvas; o Amadeu Elvas. Eu dei-lhe um bloco de papel, e um lápis, que ele afiou ao pé de mim muito afiadinho; mesmo muito afiadinho. Muito antes de terminar o segundo tempo, já o Elvas não estava no campo. Fôra pedir ó Sejaquim uma das nossas bicicletas e desandou pela porta fora. Chegou à noite. Não fez a crónica. Já se sabe porquê...

Ora isto não é bonito. Não é nada bonito. O perder e o ganhar é matéria das crónicas desportivas.



Isto é em Paço de Sousa. Não está aqui tudo; andavam bois a trabalhar, quando o fotógrafo passou. Mas está aqui muita coisa. O nosso gado ocupa muitos rapazes. Eles vão ao mato, arranjam as cortes, ceifam erva, dão de comer, tiram o leite.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado . . . 132.000\$00

E mais vinte escudos de um dos nossos rapazes que trabalha nas oficinas e ganha o seu dinheiro. Ele queria dar cem escudos e eu disse que não. E mais quinhentos de um dos nossos rapazes do Lar de Coimbra que ganha o seu dinheiro. Não tive ocasião de lhe pôr limites pois que ele fez a remessa por vale de correio sem nada me dizer. O lixo a esforçar-se por levantar o lixo! E' este o dardo mais forte que vai na coluna; o ponto mais assombroso. Dardo sem veneno... E mais pequenas moedas de prata embrulhadas em papel branco, a dizer por fora *tipografia*, e entregues aos nossos vendedores. São migalhas. Migalhas que, por serem de pobres, fazem fartura. E mais de algures. E mais uma libra em oiro de Tomar. A carta que a notifica é assinada por *Uma desconhecida*. O texto é maravilhoso!

Por muito querer a esta libra é que venho depô-la no Banco da Providência. A carta diz muito mais, mas eu não digo. O calado é o melhor. E de Lisboa. E de Coimbra. E de Arouca. E de Coimbra: *Sou filha de um tipografo*. E de Lisboa. E de Lisboa com meia dose. E de Cadima. E' pequena oferta de jornalista pobre. Levamos todas as categorias. E de Alfena; é um sacerdote. E de Vouzela a valer por cinco. E de Chaves duzentos e cinquenta escudos: *da minha filha que manda um chi-coração*. E de Coimbra mais estes cem. Ora isto é que não está certo. Eu peço aos do cinco mil que se hajam por tal forma, que cada um dê o seu quinhão sem sobrecarregar os outros.

E mais cem. *De uma pecadora a quem Deus perdoou e levantou dum grande pecado*. Gosto daqueles verbos. Gosto da frase inteira. Eu cuido que jamais houve no mundo palavras tão fundas como aquelas que Jesus dizia aos pecadores. *Vai em Paz. Os teus pecados estão perdoados*. E estas palavras, hoje repetidas, não perderam nada da sua profundidade, do seu poder, da sua doçura, da sua eficácia. Eu tenho-as escutado. Eu tenho-as proferido. Mais do Porto meia dose. Mais do Porto uma a valer por dez. E do Porto. E da Murtosa. A carta traz uma afirmação, ao falar da Obra da Rua. Diz assim: *Ela nunca poderia existir só com o trabalho e canseira de qualquer criatura*. E' preciso ter-se uma alma limpa para ver e falar tão claro. E mais um do Lar do Porto. E mais dois que vieram trazer a Paço de Sousa. E mais um que fez o mesmo, mas este a valer por cinco. E mais um que entregou a um vendedor quinhentos. Ele não fala, mas eu mandei-o enfileirar. E mais uma libra em oiro deixada no depósito. E mais uma libra em oiro de Bragança. Depois da notícia destas duas e de mais outra que vem atrás, que se decida aquele ou aquela vacilante. E' para a nossa tipografia. A de Bragança chama-se *Uma Maria qualquer*. Pois não é nada assim. Eu chamo-lhe mas é uma mulher de coragem. Mais uma prestação de algures e outra prestação. E da Régua dois. E da Covilhã três professores do Liceu. Acho que são os primeiros. Só se vai mais algum sem eu saber. E do Porto. E um solteiro do Norte. Na lista passada veio uma solteira. Eles lá vão. O Matrimónio é um Sacramento da Igreja... E de Tomar. E de Lisboa. E de Pedrouços uma que vale por cinco. E de Rio de Moinhos. E de Lisboa. E de Castelo de Paiva. E de algures. E de Castelo Branco. E de Lisboa a valer por dois. E de seminaristas do seminário de Almada. E de Coimbra. E uma libra em oiro de um visitante. E também de um sacerdote das *Bandas de Leiria*. Quem vai da Figueira passa aos seus domínios. E' uma Igreja muito grande, ao pé da qual se construiu uma grande casa para os serviços paroquiais. A Residência, essa ficou como era; pequena. Muito pequena, mas não diminuída.

E de uns noivos de Lisboa. Cada vez gosto mais de ter chamado a esta coluna *Ala dos Namorados*. E' deles que vem a força. Que o diga Aljubarrota! Havemos de ter a tipografia.

E um senhor que veio entregar a sua cota. Jagodes foi o nome que ele me deu. Eu disse que não, tanto mais que ele é Doutor muito meu conhecido e da cidade do Porto, mais. Porém, ele insistiu. *Ponha lá Jagodes*. E cá vai o Jagodes. E de Matozinhos. E do Porto. De uma professora e mãe. E outra vez do Porto. E S. João da Pesqueira com metade; é um funcionário a dar mais do que pode. E de Teixoso. E de Leiria. E da Covilhã. E de Lisboa um a valer por três; é a capital. E também um sacerdote do Alentejo a dobrar, que não sei se é Alentejano. Cuido que

na carta que vai mandar mais, a ver se alivia a excomunhão que eu lancei aos alentejanos, como vem a dizer a carta. Não me excomunguem eles a mim, mas é. Eu preciso de todos, tanto da quem como do dantejo. E mais do Porto. *Graças a Deus que chegou o dia de eu poder contribuir*. Aquilo que para muitos parece um fardo, para esta e muitos outros assinantes, é motivo de alegria! — *Graças a Deus*. E do Porto um Grupo de alunos e alunas particulares. E de Mangualde. E um serralleiro da Senhora da Hora. Que bom! Vamos que a máquina avarie? Levamos quem saiba compô-la

E uma terceira prestação de vinte escudos. Disto é que vai muito e nisto é que está a força da coluna! Quando recebo cartas aonde vem a migalha e a notícia de que ficaram a juntar mais para mandar ao depois, eu fecho os olhos em meditação e gostaria de penetrar na profundidade destas riquezas. O mundo, por superficial, só vê o que reluz. E de Coimbra. E do Congo Belga. Espera-se que este senhor fale português para não levarmos dicionários. E das Caldas da Rainha. *Os meus cinco filhos também querem enfileirar na coluna*. Ditosa mãe. Ditosa mãe, que assim arma seus filhos cavaleiros, para uma luta de simpatia. Também vinha um pacote de roupa de um destes filhos; *O filho mais velho*. A roupa condiz; muito lavada, muito vincada, muito amorosa.

Ora continhas:

Atrazado . . . 132

Hoje . . . 11

143 contos.

Só faltam 357 contos. Podia dizer *ainda faltam*, mas não. Antes quero dizer *só faltam*. E' mais animador; menos doloroso, muito convidativo. Só faltam 357.



Do que nós necessitamos

Mais roupas de Coimbra. Mais duzentos do Porto. Mais quinhentos do Porto. Mais quinhentos do Porto. Mais cinquenta e mais cinquenta do *Dr. Zéquina*. Mais roupas de Torres Vedras. Mais quinhentos tubos de pasta Couto. Nunca se viu tal! As casas do Tojal, de Miranda e de Coimbra e do Porto receberam deste lote o seu quinhão. E mais roupas de algures com calçado também. E mais a mesma coisa do Porto. Outra vez roupas do Porto. São encomendas postais que nos chegam todos os dias, dos quatro ventos.

Mais uma carta a pedir a medida do comprimento e largura do nosso altar. Aqui vai ela e os nossos antecipados agradecimentos. 3,50 x 90.

Na carta vem a dizer a senhora que dá, que não gosta de toalhas de altar sem rendas, de onde se presume que a peça não virá como eu gosto; sem elas. Mas que venha. Que venha a toalha com as dimensões aqui apontadas.

Se pedimos três metros e meio ao comprimento, não é que a pedra do altar seja assim; a toalha deve cair dos dois lados até ao chão. E' a beleza litúrgica. E' a riqueza litúrgica. E' a verdadeira renda litúrgica. O mais que se venha a colocar nos altares para enfeite, são *coisinhas* nossas. Eu adoro a sobriedade austera e piedosa dos primeiros templos e dos primeiros altares que os cristãos ergueram. Mais uma tarifa de tecidos. Mais uma encomenda de Torres. Não são pasteis de feijão. Lençóis. *Só valem pela sinceridade com que são dados*. Mas ele há no mundo alguma coisa que valha sem esta nota? Mais retirado do Espelho da Moda coisas e coisas e coisas.

Mais a do *feixe de lenha*, que esteve ontem aqui a dizer que não. Que não tinha necessidade de continuar com o leite: *Olhe como eu já estou*. E passava as duas mãos pelas faces. Disse mais, na sua incomparável sinceridade, que outros precisavam mais do que ela. E a seguir, com uma pintinha de receio justificado, ela quer que eu lhe prometa; que lhe diga por palavras minhas, com a minha voz, se pode tornar a vir por leite, tendo necessidade disso. E eu dei-lhe o sim. Publico aqui esta passagem, para edificação de todos nós. E' preciso que os homens acreditem. E' preciso que haja um instrumento de publicidade, que mostre ao mundo perdido um sinal vivo de coisas grandes e eternas. Quanto a mim, sinto-me feliz por merecer a confiança de quem quiz ouvir a minha promessa. Que os pobres tenham razões de acreditar nesta obra, e não são precisas, para

O NOSSO JORNAL

Quem pode dizer o que ele diz às almas?! Eu não, e mais uma grande parte do seu espaço é coberto pela minha letra. Eu sei o que digo; eu sei o que escrevo; mas não sei como ele fala aos que o esperam quinzenalmente. E' um mistério. Todas as cores, todos os credos, todas as posições; em todas as casas entra o jornal e sendo ele um e o mesmo, não é o mesmo para todos. Mistério!

Uma coisa que muito me alegra, é sabê-lo particularmente apreciado nas casas onde se sofre: Hospitais, Prisões, Sanatórios, Presídios Militares, e ultimamente, a Leprosaria Rovisco Pais. Tenho aqui uma carta dos leprosos. Também eles querem ler. E tenho tido cartas de soldados rasos a cumprir pena, e de criminosos de pena maior e de enfermidades sem cura e de outros males de que o mundo está cheio. Recebo as cartas, leio e rasgo. Silêncio!

E também os afligidos por enfermidades e defeitos morais, escrevem cartas a pedir o jornal. Estas, então, é que são lidas e rasgadas imediatamente. Silêncio, lágrimas! Lágrimas minhas, por simpatia às que vêm nas cartas.

O *Gaiato* é também um semeador; semeia alegria. Tenho aqui uma carta de alguém que pode dar muito pouco e diz assim:

Leio no Gaiato quem dá e fico com o coração cheio de alegria; até choro de contente.

Mais outra:

Emprestei o famoso a uns habitantes da Póvoa de Montemuro, pequena povoação da Serra do mesmo nome. Foi tanto do seu agrado, que todos tiraram de suas pobres bolsas um pequeno óbulo com que fizeram a quantia de vinte e cinco escudos.

O *Gaiato* é um semeador. A venda do último numero no Porto foi simplesmente soberba! Foi atestada. Passou muito dos três mil. Para os senhores ficarem a saber como as coisas aqui se passam, eu digo que os dois aferroados pela camisola amarela, despacharam mil e dois jornais! E para os senhores pasmarem das coisas que aqui acontecem, fiquem sabendo que o Abel andou por lá o Sábado e o Domingo sem vir a casa comer, para segurar a camisola. E fiquem sabendo também que o Barros, uma vez chegado a casa, jurou-me por quantos cabelos tem na cabeça, que no próximo numero vai fazer na mesma. Este vendeu quatrocentos e oitenta e dois e aquele quinhentos e vinte. Ora vejamos os senhores que a diferença está em trinta e oito. Temos aqui uma das disputas mais quentes que já mais se viu em certames deste género.

O *Risonho* não tem descaído; vai com duzentos e cinquenta numeros. Melhor vai o *Rôla*. O *Faisca*, esse é o que vai mais perto dos calcanhars do Barros. O Zé de Arouca foi cortado; não torna mais à venda.

O nosso tribunal é rígido. Chamei um para as suas vezes. E' o Albertino. Este Albertino faz-me sempre chorar, quando me vem dizer que a mãe lhe fugira; e fá-lo muitas vezes. Ainda bem não, e aí vem o Albertino a onde eu estou, com ar muito triste: *a minha mãe fugiu-me*. Já é nosso há três anos, mas ainda se não esqueceu. Pois eu chamei-o a perguntas na véspera do dia da venda, depois da cela, à vista da malta. Puz as hipóteses do costume — subida aos eléctricos, nomes das ruas, pontos de melhor venda, policia, e por fim veio a questão de trocos.

—Olha lá; se te derem uma nota de vinte tu que fazes? O rapaz responde:

—Eu dou dez tostões ao senhor e fico com dezanove mil reis!

Claro está que ficou mal no exame. O Albertino não pode ir vender. Eu não quero levar à glória os portuenses. Não quero. Não é pequena a minha aflicção, quando oiço da boca do Cête, no seu regresso da venda: *deixamos o Porto escoado*. Ora eu não quero isso. Eu quero um Porto rico. Cada vez mais. Quanto mais tiver o Porto mais eu tenho aqui.

Uma coisa que muito anima é a bicha dos novos assinantes. Ainda agora veio uma lista de Castelo Branco com noventa deles. Não é a primeira e dizem que não será a última! Se todos estes senhores forem leitores de ponta a ponta, eu digo que não é necessário vir aqui para ver como as coisas se passam na Casa do *Gaiato*; vão

Crónica

Desportiva

Jogo para a disputa da taça PADRE AMÉRICO

Sporting C. Lagares 0 — Gaiatos F. Club 0

Acorreu ao campo do Sporting Club de Lagares grande assistência para presenciar o grande encontro entre os Gaiatos e o Sporting Club de Lagares.

Os grupos alinharam:

GAIATOS

Carlos
Constantino e António
Luís, Camilo e Maximiano
Moreira, Caniço, Armando, Cete e Vieira

LAGARES

Armando
Jerónimo e Alves
Silva, Bessa e Nogueira
João, Romeiro, Ferreira, Almeida e Albano

Arbitro: Manuel Monteiro.

A escolha de campo pertenceu aos Gaiatos que favoreceram do vento.

O primeiro quiper a entrar em acção foi Armando para deter um remate fraco de Camilo.

Os gaiatos estão mais ao ataque e não marcam por falta de sorte.

O campo não é próprio para se praticar futebol. A's 3,40 minutos é marcado o primeiro livre do encontro que Bessa transformou sem resultado.

Aos 26 minutos Armando perdeu duas óptimas oportunidades de abrir o activo por fintas desnecessárias. Ferreira aos 35 minutos driblou Luís e lançou a Albano que perde por causa da defesa dos Gaiatos estar atenta. Uma insistência dos Gaiatos pela asa esquerda que Piriquito perde por chutar por alto.

O vento sopra com bastante força o que prejudica o andamento do jogo.

Aos 40 minutos marca-se o primeiro livre de canto contra o grupo visitante que o quiper defende.

O jogo é interrompido muitas vezes em virtude do campo estar num sítio muito alto, e as bolas irem para fora.

Está quase a findar a primeira parte e o resultado mantém-se em zero bolas.

Faltava 5 minutos para terminar o primeiro tempo quando o Lagares marca o primeiro golo que é invalidado por carga do avançado centro ao nosso defesa direito.

E' marcado o castigo e o árbitro dá por terminada a primeira parte.

Segundo tempo.

Houve modificações na tu-ma do Gaiato passando Camilo para interior direito e Caniço para médio centro.

Aos 5 minutos Carlos é obrigado a lançar-se aos pés de Rameira para evitar que remate à baliza.

Uma avançada bem combinada entre Ferreira, Almeida e Albano que este remata para fora.

Até este momento o melhor em campo tem sido António. Aos 30 minutos nova insistência pela asa direita que Camilo remata, fazendo o guarda-redes uma grande estirada. Ambas as equipas estão a jogar em grande velocidade para verem se o resultado se modifica. Os visitantes tem uma avançada entre Bessa e João que remata fazendo o guarda-redes dos gaiatos uma defesa em voo. Nova tentativa dos donos da casa que morre nos pés de Constantino.

Aproxima-se o fim da segunda parte e o resultado não se modifica. Nos derradeiros momentos os gaiatos tem novo ataque que o guarda-redes defende.

E assim terminou o encontro em que os gaiatos e o Sporting de Lagares empataram a zero bolas.

Impressões sobre o decorrer da partida

O Gaiato apresentou melhor conjunto que domingo anterior.

A defesa esteve segura, sobressaindo António.

Na linha média o mais regular foi Luís.



Tirar pão da terra! Estamos no Tojal. Desde que o ano de mil e novecentos e dez por ali passou, nunca mais a terra foi acariciada como agora. Carícia mutua. O garoto de Lisboa, cansado das ruas, vem-lhe fazer festas, e a terra da quinta, parda e amorosa, dá-lhe pão.



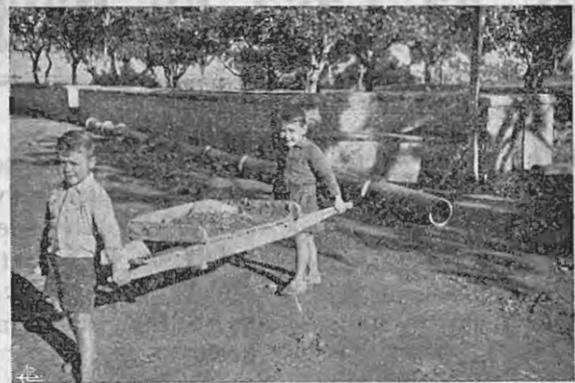
E' só para destacar que se não põe em o do que nós necessitamos isto que vou dizer. Nós temos necessidade de duas governantes que queiram vir e entrar pela porta estreita. Já temos duas que assim fizeram e não estão arrependidas.

E os três sacerdotes que deixaram o barco e as rédes, escrevem hoje com maiúsculas os seus feitos, dentro das nossas casas. E' o Evangelho. Digam o que disserem, a pobreza evangélica é da essência do sacerdócio e sem ela, sem a Pobreza, não pode haver frutos no apostolado.

Ora nós precisamos de duas governantes. De duas senhoras. Se estiverem presas às suas famílias por qualquer encargo monetário, nós tomamos conta desse encargo, desde que esteja dentro das nossas posses. Nós somos uma obra social. O que se pretende, é que elas tenham a coragem e a sinceridade de abandonar todas as suas coisinhas, para, desta sorte, se fazerem herdeiras e receberem desde já cem por um e depois a vida eterna.

Esta doutrina não é filosofia. Não é promessa de homens. Que venham e vejam.

De uma vez, dois homens daquele tempo, perguntaram ao Mestre aonde morava. Vinde e vêde, foi a resposta. Que elas venham e vejam.



Isto é no Tojal; na Casa do Gaiato de Lisboa. Se não fôra o semblante risonho dos trabalhadores, dir-se-ia que os obrigamos; que somos cruéis. Mas eles estão a dizer que não. Nem se diga que isto é «pousar» para o fotografo; não é. E' a vida cotidiana nas Casas do Gaiato.

«Quem não trabalha não come».



Na linha avançada o melhor foi Cete e Camilo e os outros também tiveram períodos bons.

No Lagares o melhor foi o guarda-redes. E os outros pouco jogaram.

O resultado não está certo sobre o decorrer da partida porque o Gaiato dominou mais.

AMADEU MENDES.

AQUI, LISBOA!

Há ano e meio que declaramos guerra aberta às osgas e mórcegos instalados nas vastas salas deste solarengo Palácio da Mitra.

Palmo a palmo fomos conquistando para o reino dos deserdados cada uma das suas extensas alas. Começamos pela do norte; seguiu-se a do nascente e vamos já na do sul.

Para aqui mudou há pouco o quartel general. A vista estende-se agora para toda a quinta para onde vai mudar toda a frente da batalha logo que o trolha dê aqui a última caiadela e mais este sector esteja ocupado por novos deserdados.

Fica-nos para trás o Palácio do Deão, que foi hospedaria de D. João V, e seus sucessores, e a histórica igreja onde foram benzidos os sinos de Mafra.

As nossas migalhas não chegam para tanto nem os Monumentos Nacionais precisarão das nossas esmolhas.

Mas se os homens da Capital nos desiludirem, teremos de voltar-nos para o povo. Infelizmente o povo não sente ainda necessidade de erguer as mãos para Deus; vai-se contentando, até ver, com as cebolas e hortaliça que sacrificadamente envia para a praça.

Quanto a nós vamos-nos remediando com uma saleta adaptada à oração da comunidade. Pode ser que entretanto apareça algum Português (ou Portuguesa) que resolva lançar fora o entulho e as pombas que gemem a incredulidade dos filhos deste século e levante a execração que paira ainda neste lugar sagrado. Desde os tempos de Nero nunca faltaram nobres Matronas a levantar altares ao Deus vivo! Pois se até há mulheres capazes de construir casinos e cabaretes...

Como ia dizendo, todo o nosso fogo se vai concentrar na quinta onde brevemente começaremos com o Casal Agrícola.

Está pronto o plano, primorosamente apresentado pelo arquitecto que nele pôs toda a sua arte e coração. Dele consta uma casa que pode comportar quarenta pequenos agricultores e instalação para toda a espécie de animais domésticos. Primeiro os *homens*, depois os animais.

A agricultura está na ordem do dia. Sem quinta, sem instalações apropriadas, sem animais e nem as aves; sem árvores nem frutos; sem flores e pão, nós teríamos aqui um vespeiro, que não uma colmeia.

Regenerar sem isto é tentar subir ao céu com asas de cêra.

Acabo de dar uma volta por toda a cêra com um Comandante da Polícia. E' um homem habituado a lidar com lixo humano apanhado nas montureiras da cidade.

Paramos a cada momento a contemplar cada um dos rapazinhos ocupados na sua «obrigação». E' o dos bois, dos *porcos*, das galinhas, do rebanho, etc. Passamos à cosinha, à copa, às oficinas e escola. Ele vai abrindo a boca de espanto à vista de cada um que despreocupadamente trabalha no seu campo de acção. Mas, ao deparar com o rancho de *batatas* comandado por um deles, a remover um outeiro de pedras, cantando alegremente o «bacalhau lavadinho» — o homem estala de entusiasmo: «Isto, isto é que nós precisamos! Quintas, muitas quintas, para regenerar esses malandrêtes que são a vergonha da cidade! Aqui está o remédio!»

Está sim, senhor! Mas não são só os Padres da Rua que o hão-de tomar. Ele é demasiado amargo. O arquitecto fala em 1.350 contos. Até já lhe dei 2% desta quantia.

Da varanda, onde me encontro, olho para a imensidade da quinta onde umas dezenas de Rapazinhos trabalham alegremente; olho também para as furnas, Casal Ventoso, Xabregas, Alcântara etc., onde legiões de outros vegetam miseravelmente.

Vejo daqui também o Forte de Monsanto, onde 1.500 homens, que também foram crianças abandonadas da Rua, estão a ferros.

A' minha frente tenho o encargo certo de 1.300 contos; na cidade de Lisboa vejo apenas um punhado de boas vontades e um mundo de indiferentes.

Isto para um só homem do Terreiro do Paço e para meio milhão de Lisboaetas, não era nada; mas para os quatro Padres da Rua é um peso esmagador. Que fazer? Cada um tem os seus problemazinhos e o Estado também os seus.

Teremos de continuar a bater às portas das igrejas. A Igreja continua sendo a Mãe. Aqueles que ouvem a linguagem forte do Evangelho e a compreendem, são irmãos.

Pois apelamos para os irmãos, e se os da Pátria não chegarem teremos de atravessar o oceano na rota dos descobridores...

P.º ADRIANO

Isto é a Casa do Gaiato

O Faisca, chegou aqui com uma grande bola debaixo do braço. Vinha da venda. Com a bola trazia uma carta do senhor que lha dera. Uma carta muito linda e uma bola muito linda e tudo seria muito bonito, se não fosse o grande barulho que num instante aqui se fez, por causa da dita bola. Era domingo. O campo grande andava ocupado com um jogo de categoria e quando assim acontece, os rapazes, por classes, fazem campos aonde calha. Foi um jogador destes campos que, sem cerimónias, assalta o Faisca e tira-lhe a bola. Foi o Augusto. O Augusto de Trás-os-Montes. Este é forte. Faisca é fraco e mais nada. Eis o direito. O direito que hoje se dá e todos aprendem. Ou não se chamem grandes os que ensinam!

Faisca vem ter comigo de olhos rasos. Nem sequer teve tempo de me mostrar a bola, como sempre faz ás coisas que no Porto lhe dão. Faisca limitou-se a contar o sucedido. Eu interfeiri e puz as coisas no seu lugar. Que fez o Augusto de Trás-os-Montes? Deu mais uma lição dos fortes: furou a bola ó Faisca. Agora já não era de olhos rasos; era debulhado. O Faisca soluçava ao pé de mim com a bola na mão, enquanto a apertava nos dedos das duas mãos: *Olhe para isto. A bola estava lá, mas não era bola.*

A' noite houve tribunal. Não podia deixar de haver um tribunal. O transmontano foi chamado e confessou ter furado a bola de ruim, mas que não tornava a fazer outra.

MAIS: a bola do Faisca, de grande e linda que é, tem dado aqui grandes trabalhos.

Dias depois do incidente supracitado, chegou ao meu conhecimento que o Albertino, de noite, foi á cama do Faisca tirou-lhe a bola debaixo do travesseiro e também a furou! Ora é preciso que os senhores que dão bolas saibam disto, e que em vez delas, dêem outras coisas, ou até nada; e isto é que está certo.

EU estava na casa da mata, quando ali apareceu o Presidente e o Risonho. Tinha chegado um carro á aldeia com visitantes, e dentro d'ele, ao que os rapazes me diziam, estava uma cadelinha muito linda e um gato; e no tejadilho e dentro dum grande caixote, estavam um peru e uma galinha. Os dois rapazes ferviam e contavam as coisas ao mesmo tempo e que fosse eu ver, que a cadelinha até parece que falava. A casa da mata é longe da aldeia. Eu tenho sessenta anos feitos e muitos cabelos brancos. Estava estendido numa cadeira a ouvir os passarinhos nos ramos do arvoredo. Mas nós não somos iguais.

As necessidades daquelas duas crianças, não são da natureza das minhas. O Presidente, por me ver hesitar, avança dois passos: *Olhe que o Peru tem o rabo de fora.* Eu levantei-me da cadeira e seguí para a aldeia. Nós temos tantos perús, temos tantas galinhas! E se vamos a isso, temos cães e gatos. Temos sim, mas estes são nossos, estão em casa, são familiares; Risonho e Presidente andam fartos de os ver. Aqueles, não. Aqueles do automóvel e dentro do automóvel, nunca.

Subimos os trez a avenida acima. O carro estava estacionado ao pé da casa quatro. Os senhores andavam a ver. A maneira que nos aproximávamos, os dois rapazes puxavam-me para eu andar mais depressa. *Olhe a cadellita a fazer de chófer.* Era o Risonho a falar. Foi ele o primeiro que notou. Quanto ao Presidente, esse trazia outra novidade; era o rabo. *Eu não lhe disse? Lá está o peru com o rabo de fora.*

Não me arrependi do sacrifício que fiz, porquanto algo vim a aprender: Dois inimigos clássicos dentro da mesma casa e nas melhores relações. O cão e o gato. Aqueles dois animais, venceram o instinto e hoje são amigos.

E nós? E nós, os homens? Tu que sabes e eu que sei, cala-te tu que eu me calarei...

O Chanquatcheque acaba de sair de ao pé de mim. Vinha da casa três, sim, mas não perdeu nada da fúria inicial. Ele vinha furioso e mostrava a mão: *O Acácio deu-me aqui uma grande ferradela.* Mas eu acho que não. Eu não vi nada que se parecesse com uma

O Faisca, mantinha esperanças de ir ver a sua mãe no domingo de Páscoa. Não mo pedia abertamente, mas à maneira que o dia se aproximava êle, Faisca, plantava-se à minha frente e fitava-me com olhos de muita eloquência. Era um olhar cheio de esperança. Era a força da mãe que o fazia assim falar.

Ontem à noite, na lista dos que haviam de cortar o cabelo amanhã, foi lido o nome de Faisca. Quando digo cortar quero dizer reparar; poucos são aqui em casa, os de meia cabeleira. Ora hoje de manhã, ao sair da capela, aí vem Faisca: *Deixe-me cortar o cabelo á minha terra.* Estas palavras são textuais e são também um nadinha ambiguas, para quem não estiver afeito a este modo de dizer. Os senhores leitores percebem. O rapaz quer ir bonito, porque vai ver e conviver por algumas horas com a mulher mais bonita do mundo: A sua mãe.

NORBERTO, veio hoje perguntar se podia fazer um Judas, e eu disse que sim. Estamos no tempo d'ele. Vem lá o sábado de Aléluia. O ano passado foi o Zé Sá que o fez.

E' a tradição a falar. O Norberto não sabe teologia nem é por este lado

que êle quer fazer e queimar um Judas. Nenhum de nós o faria. E' a tradição. São coisas que passam pela bôca e costumes de muitas gerações.

O Moléstia, acaba de chegar agora mesmo do Porto, aonde tinha ido com o Presidente á lampada de depilar. Esta é na Casa dos Pobres. Não há palavras laudatórias que cheguem, para dizer tudo deste melhoramento social. E' preciso ter-se uma casa de rapazes da rua com tinha lá dentro, para se poder sentir e avaliar da sua acção. Temos aqui mais á espera de vez. Viva a Casa dos Pobres. Outro tanto pudesse exclamar o Padre Manuel em Coimbra e o Padre Adriano em Lisboa, porquanto em tôdas as casas que ali temos, existe o perigo da tinha e o remédio é coçá-la. Ou pagar seiscentos escudos por cada destinhadela, como eu fazia aqui no Porto antes de haver a lampada na Casa dos Pobres.

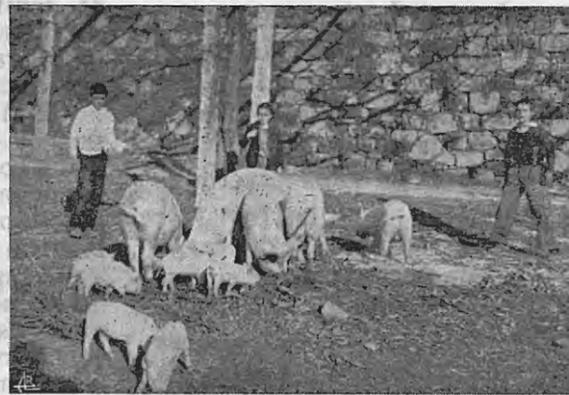
Ora o Moléstia tinha acabado de chegar. Ele é a pessoa indicada para acompanhar doentes á Casa dos Pobres; duma vez fugiu de cá e foi lá malhar com os ossos.

Conhece as pessoas e os costumes, Espera-se que o Moléstia não torne a

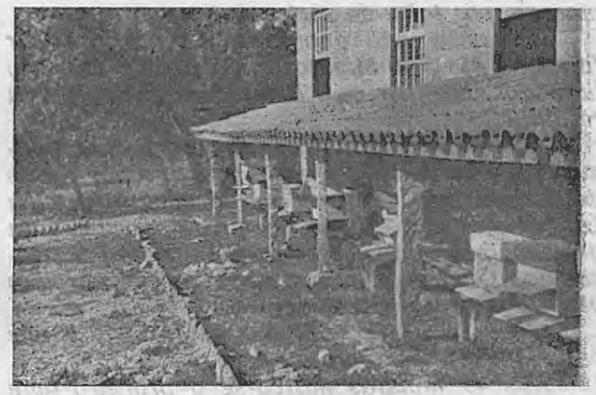
fazer. Pois Moléstia, ao dar-me contas, põe o trôco sobre a mesa enquanto vai informando: *Agora são oito mil e quatrocentos.* E' o combóio. O combóio é o actual inimigo. Eram há pouco quatrocentos. Passou a sete. Agora são 8\$40 e ninguém pode dizer aonde vamos parar. Eu cá gemo. E' um gemido nacional, pois que tenho filhos de tôdas as províncias. Sou o pai de famílias mais pobre, por ser o amparo dos Desamparados. Entre as estações de Coimbra a Miranda e de Cête a Campanhã, raro é o dia que os revisores dos combóios não trinquem bilhetes destes meus filhos: São 8\$40. Nos grandes percursos, também viajam filhos meus, ós recados, pois que somos pobres e tudo temos de fazer por nossas mãos.

São 8\$40. Eu fiquei tão triste! Senti-me tão desamparado! *Oito mil e quatrocentos.* Eu gemo. Tenho de gemer. E' um gemido nacional. Daqui mando um aperto de mão ao dono das camionetes que fazem carreira entre Bucelas e Lisboa pelo Tojal.

Os rapazes daquela casa, mandam parar e seguem para a cidade munidos de passe. Passe que o senhor nos dá. Ande para a frente, senhor. Não tenha medo de crises, nem de concorrências nem de faltas de receita. Ajude, que será ajudado. Digo-lhe em nome de Deus.



Outra vêz Paço de Sousa; Casa do Gaiato do Porto á vista — e que lindo! A obrigação dos porcos é das mais trabalhosas e das mais alegres; muitas ninhadas. O da obrigação, não vence os pedidos e tem de fechar a porta dos currais quando se ausenta. «Deixa-me ir vêr»!



Quem anda por aí a dizer que nós não temos abelhas, — quem? Temos sim senhor. Temos colmeias. Temos mel. Temos abelhas. Que o diga o «Xan-caxé», que já por duas vezes foi visto, mãos a esfregar a cara: «Ai uma que me ferrou»!

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa por João Pedro

1 Visitantes — Os cicero-nes já não chegam! Aos domingos a nossa quinta enche-se de gente que nos vêm visitar. Neste ultimo domingo vieram cá as senhoras professoras do Instituto de Odivelas, que nos trouxeram muitas coisas. Nesse dia também cá esteve o sr. P.^o Manuel, da Casa do Gaiato de Miranda, e o senhor Filipino do Lar do Gaiato de Coimbra. Nós os que viemos de Miranda gostámos muito de ver cá o senhor P.^o Manuel, porque há muito tempo que já o não víamos. Tínhamos saudades dele...

Como lá em Miranda eles costumam ter poucas amêndoas pela Páscoa, nós resolvemos mandar para lá metade das que nós cá tínhamos.

2 Secil — Como tínhamos dito fomos almoçar á Secil. Fui eu, mais o Octávio e o Setubal. Fomos muito bem recebidos e almoçamos optimamente. O Excelentíssimo director dos escriptórios, perguntou ao Setubal de

idade e por fim o nome. — Depois disse-lhe: — quando tiveres 16 anos, se eu for vivo, tens aqui um emprego. E o Setubal que já andava contente por fazer anos nesse dia, ainda mais contente ficou.

3 Desportos — A nossa sala de jogos já está a funcionar. Da penitenciaría de Coimbra, vieram quatro mesas para jogarmos as damas.

A biblioteca também já funciona. Temos a colecção de Júlio Verne quasi toda, temos alguns livros de Salgari e muitos romances de aventuras.

Como temos duas salas para os jogos resolvemos fazer assim: uma é para sala de leitura e jogos para os da 3.^a e 4.^a classe; a outra é para os restantes rapazes. Em cada sala ficam duas mesas.

Agora só falta a mesa de ping-pong para completar a sala de jogos, mas parece-me que não

4 Futebol — Neste último desafio que fizemos com os infantis do Tojal conseguimos ganhar por 3 a 0. Os golos foram metidos por Manuel pedreiro, Chaves, e Preto. O desafio esteve perigoso, mas como já disse vencemos por 3-0.

Nós gostámos muito de jogar com os grupos de fora, porém, já cá têm vindo grupos malcriados que nem se podem ouvir.

5 Equipas — Os grupos que têm vindo cá jogar vêm quasi sempre equipados. Nós é que ainda não temos equipas!

Mas nem por isso desanimamos e havemos de ter equipas.

6 «O Gaiato» — Para Lisboa já não chegam os mil! Pedimos aos senhores da Redacção que nos mandem 1.200, porque tem ficado muita gente sem jornais por já não termos